

EDITORIAL

TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Em pesquisa realizada nas escolas de 1º grau da cidade de Uberlândia pudemos perceber uma queixa dos diretores das referidas escolas acerca de uma eventual disjunção entre teoria e prática na formação do docente formado pela Universidade Federal de Uberlândia, que chegaria às escolas “com conteúdo”, mas sem competência para trabalhá-lo; incapaz de começar com o aluno no nível em que ele se encontra, partir de sua história; com dificuldades para definir objetivos, selecionar conteúdos e recursos didáticos adequados; bem como utilizar os recursos que a escola possui. Dessa forma, pretendemos discutir aqui as características que deve ter a formação docente afim de que a teoria não se torne desconectada da prática, não apenas no caso das licenciaturas, mas dentro da própria Universidade como um todo.

As primeiras discussões acerca da relação entre teoria e prática foram realizadas pelos gregos, no período clássico, especialmente por Platão, com sua teoria da reminiscência. Para ele o conhecimento verdadeiro seria o teórico, anterior ao conhecimento prático.

Durante muitos séculos a idéia de que a teoria situava-se num patamar mais elevado que o sensível predominou no mundo ocidental e cristão, indo mais especificamente até o surgimento da experimentação, quando passa a prevalecer a idéia de que os dogmas, as verdades absolutas não teriam sentido se não passassem pelo teste experimental, o que significou romper com o argumento da autoridade e estabelecer um compromisso cada vez maior com a invenção, com a descoberta objetivando ao domínio da natureza, uma vez que esta não se deixa seduzir por ideologias.

O experimentalismo veio a dar novo sentido às idéias de experiência e de teoria. No processo de produção do conhecimento passou-se a perceber a necessidade de se levar em conta as variáveis relacionadas tanto ao sujeito cognoscente quanto ao objeto cognoscível. Uma teoria deve buscar princípios gerais que possibilitem explicação do fenômeno estudado e é diferente quando se trata de uma teoria acerca de fenômenos físicos ou fenômenos humanos. Em princípio, no primeiro caso, não se quer modificar o fenômeno, mas no segundo caso é o que se deseja. Trata-se de explicar, de entender um fenômeno para agir sobre o mesmo, buscando modificá-lo.

Em Educação uma teoria pode ser entendida como um conjunto de reflexões sobre fatos e processos educativos, como uma sistematização de resultados de investigações realizadas sobre os fundamentos, os fins da educação e deve estar ancorada nos participantes do e no processo educativo, educandos e educadores.

Se a Educação é um que fazer só faz sentido falar de teoria educativa relacionada à prática, havendo entre teoria e prática uma relação permanente e dinâmica, sustentando-se mutuamente, uma vez que o ato educativo depende não apenas do conhecimento produzido pela sociedade humana, mas também do como fazer para que se processe a aprendizagem, em que se baseia a aprendizagem e com que fins deve se processar tal aprendizagem.

Apenas através da relação dialógica entre teoria e prática elimina-se a dicotomia opositiva entre elas. E na formação de nossos professores tem ficado patente a deficiência dessa relação harmônica. E não apenas para aqueles docentes de áreas menos especificamente relacionadas com a Educação, mas também para aqueles originários de cursos de licenciatura.

A formação pedagógica de nossos professores é fraca e, fundamentalmente, livresca. Pouca distinção se pode notar com relação ao bacharel, embora a formação de um e de outro nem sempre seja adequada à realização do respectivo profissional no contexto da sociedade onde irão exercer suas profissões, e em ambos os casos a realidade nem sempre é levada em conta.

Essas deficiências são percebidas tanto pelos que se dedicam ao estudo da formação docente, como pelos próprios docentes, os quais sofrem as conseqüências juntamente com os alunos, no seu dia-a-dia.

A prática de ensino deveria ser realizada em escolas comuns, com permanência do futuro professor, por um determinado espaço de tempo, participando não apenas das aulas, mas de todas as rotinas do estabelecimento. O estudo dos currículos deveria possibilitar intensificar a capacitação pedagógica.

De outro lado, o professor universitário deveria, por ocasião de seu ingresso na instituição, ter a oportunidade de receber cursos de formação ou de atualização pedagógica, pois, o fato de um indivíduo ser grande conhecedor de um determinado conteúdo, qualquer que seja o ramo do conhecimento, não implica que o mesmo seja, necessariamente, um bom professor daquilo que sabe.

Quando nos Currículos vemos referência a uma especialização intensiva nas matérias de formação pedagógica ou ao seu caráter teórico-prático, na maioria dos casos, a contrapartida real é uma ênfase na formação livresca, reduzindo-se os trabalhos práticos a tarefas cumpridas dentro do próprio curso ou de uma única escola, comentando algum texto ou revendo relatórios já conhecidos.

Raramente aos futuros professores é dada a oportunidade de participar de novas experiências, colaborar em investigações e mesmo de vivenciar a realidade onde atuará e que, não raras vezes, é desconhecida também de seus professores.

É muito comum os novos docentes entrarem em pânico ao tentar iniciar um diálogo com os alunos em sala de aula e mesmo fora dela. Identificam a razão do pânico com uma total falta de comunicação, como se falassem idiomas diferentes ou pertencessem a mundos diversos.

Parece haver um consenso de que a situação precisa ser modificada, contudo, a nível de ações elas são muito tímidas, quando as há, e não apenas por parte dos professores e diretores, mas, em especial, pelas autoridades políticas responsáveis pela educação.

Os professores têm dificuldade em elaborar um diagnóstico por mínimo que seja quanto a situação real de seus alunos, pois sua formação não os instrumentaliza para tanto. Dessa forma as avaliações que fazem dos alunos é uma ficção e cumprem, quase sempre, apenas uma exigência burocrática, mais que um momento para um repensar o seu trabalho, sua prática, para promover um redirecionamento no sentido de atender às reais necessidades do aluno. Não sabe o professor que ao reprovar um massa, reprova também sua atuação enquanto educador.

Esta deficiência, geradora de insegurança no docente, acaba por conduzi-lo a um tipo de comportamento danoso ao processo ensino/aprendizagem e à educação como um todo: a reação diante dessa insegurança é uma atitude defensiva, atribuindo unicamente ao aluno a responsabilidade pelo seu fracasso como aprendiz e pelo fracasso do professor como educador. Daí uma atitude autoritária e reprovadora, pois, não sabe avaliar para detectar as deficiências do aluno e organizar estratégias para enfrentá-las e superá-las. Ao invés de recorrer aos especialistas no assunto (didática e metodologia de ensino), acaba por reprovar em massa e acreditar que, com isso, promove um ensino de qualidade e não elitista ou expulsador dos que tiveram menor oportunidade nos graus anteriores de ensino.

No mundo em que vivemos o conhecimento produzido é facilmente tornado obsoleto. Dessa forma, uma educação que priorize o repassar puro e simples de conteúdo está fadada ao fracasso, uma vez que essa obsolescência acaba por determinar uma pequena sobrevivência para o saber.

Da mesma forma, o educador não pode ser formado com uma cabeça cristalizada, nem podemos ter cristalizada uma idéia de educador. Assim é que devemos levar em conta a idéia de uma educação personalizada, centrada no educando, não para reproduzir esquemas liberais, mas na medida que permite aguçar a criatividade no enfrentamento de situações problemáticas e autocondução do processo educativo pelo educando de modo a que o mesmo se manifeste dinamicamente, isto é, ao invés de ter fórmulas prontas, esteja dotado de competências para encarar os desafios postos pela realidade como ela se apresenta e não como gostaria que ela fosse.

Assim, uma educação efetivamente dinâmica cuidará da capacidade do professor em se comunicar e trabalhará o indivíduo no sentido de que o mesmo possa atuar ativamente buscando as mudanças que favoreçam a transformação da realidade onde vive, pelo trabalho criativo, pela disposição para a análise, para a crítica objetiva, capacidade para distinguir entre o que precisa ser modificado e o que deve ser conservado, e não se aferrando a idéias e estratégias estereotipadas.

Qualquer docente precisa estar constantemente se informando sobre os novos modelos pedagógicos que possam ajudar nas soluções. Daí a importância de um permanente contato com a biblioteca, especialmente sua seção de periódicos. Isto contribui para que se mantenha um clima de atualização diuturna, tão necessário quanto o conhecimento de realidades diversas em seus estágios, realidades essas que, de modo algum podem ser conhecidas apenas dos alunos. O conhecimento permanente das mudanças operadas na realidade das escolas permitirá ao docente não apenas o acompanhamento de seus alunos, mas, e sobretudo, a possibilidade de contribuir com a escola visitada, ou naquelas onde se processam os trabalhos dos estagiários.

Dessa forma, é de vital importância que haja uma estreita relação entre a universidade e as escolas de 1° e 2° graus, de modo a que o profissional formado pela primeira possa atender às necessidades das segundas, bem como os conhecimentos naquela produzidos possibilitem melhoria na qualidade de ensino em todos os graus.

Além disso apenas a presença do professor de graduação possibilitará um trabalho efetivo de orientação, evitando que o estágio ocorra como uma farsa, como freqüentemente vemos denunciado, evitando ainda que o receptor do estagiário atue de modo permissivo, comprometendo já de início a formação do futuro docente. Faz-se necessário um envolvimento entre os professores das licenciaturas, os alunos das licenciaturas e os docentes das escolas onde se processam os estágios supervisionados, o que permite ganhos para todos, especialmente para o processo ensino/aprendizagem, motivando-se os envolvidos com as inovações tão necessárias.

Fica evidente que uma relação estreita entre teoria e prática na formação docente é mais que necessária. E, se a prática deve começar cedo, ela não pode ser feita sem uma fundamentação teórica que irá se ampliando à medida que se confronte a teoria com a rotina da escola: aplicação de técnicas de acesso à realidade na qual o futuro professor irá atuar, contato com dirigentes escolares, com docentes e com discentes; avaliação permanente das atividades desenvolvidas pelos estagiários e pelos professores das diversas instituições escolares contatadas, inclusive aquela sob cuja responsabilidade está a formação docente.

Isto nos permite acreditar que o tempo destinado à prática seja insuficiente e tendemos a pleitear mais carga horária para seu cumprimento, mas, em não havendo a separação teoria X prática, elas vivenciarão uma simbiose que as fortalecerá a ambas permitindo ricas experiências em aprendizagem, possibilitando a emergência de condutas adequadas para a solução dos problemas percebidos pelo educando. Assim, a relação teoria/prática dar-se-á de modo plenamente satisfatório.

Geraldo Inácio Filho